

Tese de licenciatura

Nível de bacharel

O uso do pretérito perfeito e imperfeito em português como língua segunda na Universidade de Dalarna, Suécia.

Författare: Karin Eriksson

Handledare: Anna Jon-And

Examinatorer: Chatarina Edfeldt och Alda Lentina

Ämne/huvudområde: Portugisiska

Kurskod: PR 2007

Poäng: 15

Examinationsdatum: 20170607

Vid Högskolan Dalarna finns möjlighet att publicera examensarbetet i fulltext i DiVA. Publiceringen sker open access, vilket innebär att arbetet blir fritt tillgängligt att läsa och ladda ned på nätet. Därmed ökar spridningen och synligheten av examensarbetet.

Open access är på väg att bli norm för att sprida vetenskaplig information på nätet. Högskolan Dalarna rekommenderar såväl forskare som studenter att publicera sina arbeten open access.

Jag/vi medger publicering i fulltext (fritt tillgänglig på nätet, open access):

Ja

Nej

O uso do pretérito perfeito e imperfeito em Português como Língua Segunda na Universidade de Dalarna, Suécia.

Resumo

O presente trabalho tem como primeiro objetivo investigar como os estudantes de português como língua segunda na Universidade de Dalarna usam o pretérito perfeito e imperfeito em textos escritos livremente e em quais contextos gramaticais ocorrem os eventuais erros. Além disso, é observado o grau de uso ou não-uso dos estudantes de advérbios temporais e/ou expressões temporais quando constroem sentenças/frases com o pretérito perfeito e imperfeito.

De forma sumária é apresentado como os estudos em Português Língua Segunda estão organizados na Universidade de Dalarna e, seguidamente, é discutido o conceito “aspecto”. A parte sobre a metodologia mostra como o estudo, tanto quantitativo como qualitativo, é realizado. Depois de um comentário sobre alguns termos conceptuais apresento um breve resumo das principais características de alguns estudos anteriores sobre “estudar uma segunda língua”, tal como uma apresentação sumária de quatro dissertações de mestrado sobre o uso de pretérito perfeito e imperfeito em Português Língua Segunda, tal como o uso ou não uso de advérbios temporais.

Na terceira parte os resultados do estudo são apresentados; resultados que mostram que os estudantes da Universidade de Dalarna têm um bom tratamento do pretérito perfeito e imperfeito, mas ocorrem erros. A maioria dos erros é cometida nos seguintes contextos: a) *pretérito perfeito simples: uma ação já concluída antes do momento de fala* e b) *pretérito imperfeito: acontecimento habitual que ocorreu repetidamente no passado, podendo ser periódico ou contínuo*. Nos outros dois contextos, *pretérito imperfeito: um acontecimento no passado que não se prolonga até o presente* e *pretérito imperfeito: acontecimentos simultâneos ocorridos no passado*, se constata um elevado grau de usos corretos.

Quanto ao uso de advérbios temporais e/ou expressões temporais, pode-se notar uma tendência, nomeadamente que os alunos que constroem sentenças corretas com o pretérito perfeito e imperfeito, utilizam advérbios temporais num grau mais elevado do que os estudantes que produzem construções incorretas.

Os erros são discutidos na parte qualitativa e por fim, na quarta e última parte, condensa algumas considerações finais.

Palavras-chave:

pretérito perfeito, pretérito imperfeito, português como língua segunda, aspecto, advérbios temporais, interlíngua,

Abstract

The present study aims at studying the way students of Portuguese as a second language at the University of Dalarna in Sweden handle two of the past forms, that is, the preterite and the imperfect, in texts written freely and in what grammatical contexts the errors, if any, are committed. The study also takes into consideration to what extent the students use, or do not use, of adverbs of time and/or temporal expressions when constructing sentences/phrases with the preterite or the imperfect.

In a summary way I present how the studies in Portuguese as a second language at the University of Dalarna are organized and I also, briefly, discuss the concept of "aspect". In the part about methodology is shown how the present study, which is partly quantitative, partly qualitative, is constructed. After a short discussion regarding some conceptual definitions, a short overview of the most important traits in some earlier studies about studying a second language is given and I also present some authors' theses about the use of the preterite and the imperfect in Portuguese as a second language, as well as the use or non-use of adverbs of time.

In part three of the study the results are presented; results which show that the students at the University of Dalarna handle the two forms in a skilful way but errors do occur. The majority of the errors are committed in the following contexts: a) the preterite: completed action in the past and b) the imperfect: frequency or habit. In the other two contexts studied, namely imperfect: past action of a certain duration and imperfect: two simultaneous actions, the amount of errors is very low.

Regarding the use of adverbs of time, a tendency, however a bit vague, can be observed. The students who produce correct sentences with the preterite and the imperfect, show a more frequent use of temporal adverbs and expressions than those students who commit mistakes when using the above mentioned verb forms.

The errors committed are discussed in the qualitative part of the essay, and in the fourth and last part of the essay I present some final comments.

Key-words:

the preterite, the imperfect, Portuguese as a second language, aspect, adverbs of time, interlanguage

Agradecimentos

À minha professora e orientadora, Anna Jon-And, sem cuja ajuda, apoio, paciência e entusiasmo este trabalho nunca tinha sido escrito.

A todos os meus professores na Universidade de Dalarna pelos anos fantásticos em que me foram abertos novos mundos lusófonos.

A meus colegas de curso, sobretudo a Manuela, que contribuíram para a atmosfera amigável em nossa sala de aula virtual, uma das condições para estudos bem-sucedidos.

À minha revisora, Marina Reis, que com sua grande habilidade me deu valioso *feedback* sobre a linguagem.

Ao segundo revisor, o meu ex-professor Mário Semião, que também me deu comentários úteis sobre a minha linguagem. Mário sempre respondeu às minhas perguntas incessantes quando eu, como iniciante, estava lutando com o pretérito perfeito e imperfeito e que, agora, examinou a linguagem do meu estudo sobre o mesmo tema. O círculo está fechado.

Sumário

Introdução.....	8
1.1. Objetivos e perguntas de pesquisa.....	9
1.2. Os cursos de português na Universidade de Dalarna.....	10
1.3. Pretérito perfeito e imperfeito – uma questão de aspecto.....	11
1.4. Metodologia.....	18
2. Fundamentos teóricos e estudos anteriores.....	19
2.1. Um comentário conceptual.....	19
2.2. Estudar uma língua segunda.....	20
2.3. Estudos sobre o pretérito perfeito e imperfeito.....	23
3. Resultados e discussão.....	25
3.1. Análise quantitativa.....	25
3.2. Análise qualitativa.....	30
4. Considerações finais.....	37
5. Bibliografia.....	41

1. Introdução

A motivação que conduziu a este trabalho, ou seja, o interesse para o pretérito perfeito e pretérito imperfeito, partiu de meus próprios estudos, como iniciante, de Português Língua Segunda na Universidade de Dalarna em 2010. Tendo sueco como a minha língua materna, uma língua que – ao contrário de português – praticamente não tem nada ou pouco do conceito “aspecto”, eu tive, inicialmente, grandes dificuldades em compreender as diferenças entre essas formas aspectuais. Ao longo dos meus estudos, aprendi a usar o pretérito perfeito e imperfeito numa maneira mais aprofundada, mas ainda hoje em dia, os “casos *borderline*” podem causar dificuldades. E o problema não é só meu; aquilo que para muitos estudantes é especialmente difícil quando se aprende uma nova língua é quando a língua-alvo apresenta características gramaticais ou outras particularidades que diferem da língua materna, um fato que se reflete na interlíngua dos alunos. Como mostram diversos trabalhos e dissertações de linguistas, o problema de uso de pretérito perfeito e imperfeito por estudantes de Português Língua Segunda é bem conhecido.

O português tem, bem como a maioria das outras línguas românicas, um uso abrangente de aspecto, um fenômeno que é muito raro no idioma sueco. Portanto, o português pode ser difícil para estudantes suecos e outros estudantes que não têm uma língua materna com o mesmo sistema aspectual, ou seja, o uso correto “dos passados”, neste caso, o pretérito perfeito e imperfeito. Neste trabalho, investiga-se o uso dos passados realizado por estudantes na Universidade de Dalarna.

Este trabalho é constituído por quatro partes. Na primeira parte, serão apresentados os objetivos e as perguntas de pesquisa e, além disso, como os cursos de português na Universidade de Dalarna estão organizados. Também será abordada uma consideração sobre a diferença entre o pretérito perfeito e imperfeito, que é uma questão de aspecto, ou seja, “uma perspectiva relativamente à situação expressa pelo verbo que pode ser apresentada como estando

em desenvolvimento, no seu início, duração ou conclusão, ou ainda, como um todo já completo” (Azeredo *et alii*, 239). No fim da primeira parte, será exposta a metodologia.

A segunda parte é dedicada aos fundamentos teóricos e estudos anteriores, tal como um breve comentário conceptual, nomeadamente o dos conceitos “língua segunda” e “língua estrangeira”.

Na terceira parte do trabalho, mostrarei os resultados quantitativos da pesquisa, bem como uma análise qualitativa referente a esses. Na quarta e última parte, serão dadas as considerações finais.

1.1. Objetivos e perguntas de pesquisa

O objetivo principal neste trabalho é investigar como os estudantes de português como Língua Segunda na Universidade de Dalarna usam o pretérito perfeito do indicativo *versus* pretérito imperfeito do indicativo em 60 textos curtos, ou seja, *não* em exercícios estruturados nos quais apenas devem ser preenchidas lacunas com o pretérito ou o imperfeito.

Outro objetivo é estudar o uso ou não-uso de advérbios temporais e/ou expressões temporais por parte dos estudantes quando constroem sentenças com o pretérito perfeito e imperfeito.

O terceiro objetivo é ler alguns dos muitos trabalhos escritos sobre quais as dificuldades que os estudantes têm quando usam essas formas, quer dizer o pretérito perfeito e imperfeito. Estes trabalhos têm todos abordagens diferentes e, por isso, não é possível fazer uma comparação exata com os resultados do meu ensaio, mas esperançosamente seja possível discernir algumas tendências.

O que quero saber é:

- Em quais contextos gramaticais ocorrem os erros?
- Como se relaciona o uso de advérbios temporais e/ou expressões temporais ao uso correto ou incorreto do pretérito perfeito e imperfeito?

Embora o problema referente à diferença entre os aspectos do pretérito perfeito e do pretérito imperfeito seja bem conhecido, não tenho conhecimento de alguma vez ter sido feito um estudo semelhante na Universidade de Dalarna. Por essa razão, será interessante obter uma visão mais profunda do problema, baseada nos resultados do estudo.

1.2. Os cursos de português na Universidade de Dalarna

Existem duas universidades na Suécia que oferecem ensino de português como língua segunda, a Universidade de Estocolmo e a Universidade de Dalarna. Português não é uma disciplina abrangente na Suécia, mas ambas as universidades apresentam, anualmente, um núcleo estável de estudantes: ¹

O número de alunos de português na Universidade de Dalarna desde 2008:

2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015
121	206	276	329	315	343	335	347

O número de alunos de português na Universidade de Estocolmo desde 2008:

2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015
252	224	208	191	204	207	154	135

A maioria dos alunos que estudam português na Suécia são suecos, mas existem muitas outras nacionalidades, inclusive estudantes que têm o português como língua materna. A Universidade de Dalarna oferece cursos em português apenas à distância, com aulas *online*.

¹ Estatísticas internas da Universidade de Dalarna, setembro de 2016.

Não importa onde vive o estudante nem o professor, basta o acesso a um computador com internet para possibilitar a participação no ensino.

A plataforma digital contém, entre outras coisas, uma sala de aula, salas de conversação, e um fórum para comunicação por escrito.

A Universidade de Dalarna oferece os seguintes cursos de português:

- Curso Básico de Português I & II (30 créditos QECC)²
- Português I, II & III (90 créditos QECC)
- Curso de licenciatura (30 créditos QECC)

1.3. Pretérito perfeito e imperfeito – uma questão de aspecto

A gramática que foi utilizada na Universidade de Dalarna até ao semestre de outono de 2012 é intitulada *Portuguese – An Essential Grammar*, escrita por Amélia Hutchinson e Janet Lloyd.

Aqui, deixo alguns exemplos a fim de ilustrar, embora de forma resumida, como as autoras dessa gramática explicam o uso do pretérito perfeito e imperfeito (73 - 76):³

1. **Preterite: Completed action in the past:** *Ontem comprei um livro.*

Imperfect:

2. **Past action of a certain duration:** *Quando era jovem, não havia celulares.*

3. **Frequency or habit:** *Todas as tardes visitava o meus amigos.*

Two simultaneous actions: *Enquanto meu marido assistia TV, eu tomava um banho.*

² Quadro Europeu Comum de Referência para as Línguas

³ Neste trabalho não trato o Imperfeito de Delicadeza (Silva 38), que é usado em situações como “Queria uma taça de vinho tinto, por favor.”

Gonçalves (47) resume as diferenças assim: “O pretérito perfeito simples indica uma acção que se deu uma vez, num certo momento do passado, ou seja, uma acção não habitual, enquanto o pretérito imperfeito indica uma acção que se repete ou continua.” Parece ser um consenso entre os linguistas que o imperfeito é a forma mais difícil, porque tem um uso mais amplo e porque, usando o imperfeito, é possível ver o passado de diferentes perspectivas aspectuais.

Na gramática de Hutchinson, nada é mencionado sobre aspecto, no entanto, a seguinte explicação é dada na Gramática Prática de Português (Azeredo *et alii* 316):

Aspetto – categoria gramatical que exprime a maneira como uma situação é perspectivada, apresentando-a como um todo completo ou em desenvolvimento, ou ainda acentuando diferenças em relação à sua duração ou marcando a sua frequência, o seu início ou o seu fim. /.../

O aspeto lexical permite distinguir: eventos durativos / não durativos / situações estativas.

O aspeto gramatical pode ser: perfetivo ou imperfetivo / genérico, habitual ou iterativo e permite ainda estabelecer diferenças relativas à duração de diferentes situações, marcar o seu início ou fim.

Noutras palavras (Travaglia, 2006, apud. Rodrigues (16): “Aspecto é uma categoria /.../ através da qual se marca a duração da situação e/ou suas fases, sendo que estas podem ser consideradas sob diferentes pontos de vista, a saber: o do desenvolvimento, o do completamento e o da realização.”

Em português, o aspecto é expressado com duas formas no passado: o pretérito perfeito e pretérito imperfeito. Em sueco, isso não ocorre. Segunda Leiria (103) o sueco é considerado como uma língua de tempo. Vejam alguns exemplos meus:

Exemplo n.º	Sueco	Português
1	När jag var liten <u>ät</u> jag glass varje dag.	Quando eu era criança, <u>comia</u> sorvete todos os dias. * Quando eu era criança, comi sorvete todos os dias.
2	I går <u>ät</u> jag tre glassar.	Ontem, <u>comi</u> três sorvetes. *Ontem comia três sorvetes.
3	Förr i tiden <u>arbetade</u> jag mycket.	Antigamente, eu <u>trabalhava</u> muito. * Antigamente eu trabalhei muito.
4	Igår <u>arbetade</u> jag tre timmar.	Ontem, <u>trabalhei</u> três horas. * Ontem trabalhava três horas.
5	När jag <u>var</u> barn, lekte jag alltid i trädgården.	Quando eu <u>era</u> criança, sempre jogava no jardim. * Quando eu fui criança, sempre jogava no jardim.
6	Hur <u>var</u> det i julas?	Como <u>foi</u> o Natal? * Como era o Natal?

Tabela 1

Como vemos, o sueco tem a mesma forma verbal para expressar o passado enquanto o português distingue entre pretérito perfeito e imperfeito, e essa importante diferença gramatical / aspectual entre as línguas pode ser muito difícil de dominar pelos estudantes, pelo menos no nível iniciante. Observa-se, também, nos exemplos 1 – 5, a presença de advérbios ou expressões adverbiais e acredita-se que esses podem facilitar a compreensão da diferença entre as formas, especialmente no início dos estudos. Leiria (134) afirma que: “Os advérbios ou expressões adverbiais servem exactamente, /.../ para estabelecer uma referencia temporal ou um ponto de orientação.”

Para iniciantes, uma dica seria notar que certos advérbios temporais são frequentemente usados com o pretérito perfeito, tais como: *ontem / anteontem / há uma hora / há uma semana / no ano passado*. (Oliveira *et.alii*, 112; Silva 44)

Exemplos: *Ontem, comprei um novo computador.* (Um fato concluído, acabado)

Advérbios temporais comuns com o pretérito imperfeito são: *antigamente / antes / dantes / noutros tempos / sempre / nunca / todos os dias / todos os meses / frequentemente.* (136)

Exemplos: *Antigamente, vivia na Dinamarca* (aspecto durativo) / *Quando ele era jovem, jogava tênis todos os dias* (aspecto frequentativo)

Plácido (17) afirma que “...se se teve em atenção estas correlações entre as expressões adverbiais de tempo e o ME (= momento de enunciação; comentário meu), foi pelo facto de serem de extrema utilidade para os aprendentes de PLE” (=Português língua estrangeira, comentário meu). A mesma autora continua dizendo que os usos “das expressões verbais de tempo têm um grande impacto dos alunos /.../” (45) e Silva (47) destaca que:

/.../ os adverbiais temporais, articulados com os tempos gramaticais e processos de organização frásica, facilitam a expressão da localização temporal de determinada situação por parte dos falantes /.../ Se o falante de L2 ainda não dominar mecanismos de inflexão verbal, o uso de alguns advérbios temporais poder-lhe-á permitir descrever a localização de uma situação no tempo.

Na pesquisa de Silva (Anexo IV da sua dissertação) aos estudantes russos foram dados os seguintes exemplos: *Eu trabalhava na Ucrânia* e *Eu trabalhei na Ucrânia*, com as seguintes perguntas: a) *As frases têm sentido igual?* b) *As frases têm sentido diferente?* c) *Não sei a diferença.* Silva recebeu 54 respostas, das quais 27 foram corretas (50 %), 26 foram incorretas (48 %) e 1 estudante não sabia (2 %). A pesquisadora acredita que o alto número de respostas incorretas poderiam ser devidas à falta de advérbios temporais; uma falta que faz com que os estudantes escolhessem uma resposta errada. Também pode-se notar, que não é óbvio que os

alunos virão a dominar a diferença aspectual no idioma português devido ao fato de terem uma língua materna com um sistema aspectual desenvolvido.

Rodrigues (47) afirma a importância do uso de adverbiais temporais assim:

Resumindo, os adverbiais temporais, articulados com os tempos gramaticais e processos de organização frásica, facilitam a expressão de localização temporal de determinada situação por parte dos falantes /.../. Se o falante de L2 ainda não dominar mecanismos de inflexão verbal, o uso de alguns adverbiais temporais poder-lhe-á permitir descrever a localização de uma situação no tempo /.../.

Não é possível falar de regras sem exceção. Nem sempre os advérbios temporais mencionados são utilizados somente com o pretérito perfeito ou imperfeito. Há exceções, como mostra, entre outros, Medeiros (78-79) mas essas não serão discutidas aqui enquanto mas apresento um exemplo com o advérbio “sempre”. A pesquisadora menciona alguns advérbios com, normalmente, um aspecto durativo, entre outros *sempre*. Sendo um advérbio imperfectivo, Medeiros aponta que essa é a razão dos estudantes empregarem o imperfeito e apresenta dois exemplos:

(6) – *Eu ontem andei na praia de Ipanema até Leblon.*

- *Eu sempre andei.*

(7) – *Eu ontem andei na praia de Ipanema até o Leblon.*

- *Eu sempre andava.*

Medeiros (79) continua, dizendo:

Em (7), com o verbo no imperfeito, a leitura que se pode fazer é: o interlocutor já fez percurso algumas (ou inúmeras) vezes, mas não o faz mais; ele andava, não anda mais. Em (6), com o perfeito, a leitura que se pode fazer é: o interlocutor não só já fez o percurso algumas (ou inúmeras) vezes como ainda o faz. Para que o perfeito pudesse neste caso ser lido como

fata acabado, concluso, a sentença deveria continuar com, por exemplo, ‘*mas hoje não ando mais*’. Portanto, o que se tem com estes dois exemplos é:

- (i) um imperfeito funcionando como durativo e concluso;
- (ii) um perfeito funcionando como durativo e inconcluso.

Em outras palavras, o que se observa com tais exemplos é uma total inversão do que se aponta, em geral, nas gramáticas do português em relação aos passados.

Na discussão qualitativa (ponto 3.2.) sobre os erros cometidos pelos estudantes, voltarei aos usos dos advérbios temporais.

As regras para o uso do pretérito perfeito e imperfeito podem parecer óbvias e claras, mas provavelmente são os casos *borderline* que apresentam dificuldades insuperáveis para muitos iniciantes, desprovidos de experiência anterior de pensar em termos de aspecto. Com o conceito caso *borderline* quero dizer casos onde se pode usar tanto o verbo em pretérito perfeito como imperfeito – ambas formas podem ser gramaticalmente corretas, mas há uma diferença de aspecto.

Os seguintes exemplos 1-4 (Bjellerup 140) e exemplo número 5 (Rodrigues 20) provavelmente constituem problemas, pelo menos para iniciantes.

Exemplo n.º	Pretérito imperfeito	Pretérito perfeito
1	A bicicleta <u>era</u> muito barata, mas não a comprei.	A bicicleta <u>foi</u> muito barata. Não me custou muito.
2	<u>Era</u> difícil explicar o problema, e não o podia explicar.	<u>Foi</u> difícil explicar o problema, mas expliquei-o
3	Não <u>tomava</u> em conta o tempo que fazia.	Não <u>tomei</u> em conta o tempo que fazia.
4	Ele não via (<u>podia</u> ver) a sua irmã.	Ele não <u>pôde</u> ver a sua irmã.
5	No dia 29 de dezembro, o Senado <u>condenava</u> o presidente Collor à pena de inabilitação política por oito anos.	No dia 29 de dezembro, o Senado <u>condenou</u> o presidente Collor à pena de inabilitação política por oito anos.

Tabela 2

Então, ambas as formas apresentadas acima são gramaticalmente corretas, mas com uma diferença no significado..

Bjellerup (137) diz o seguinte sobre a diferença entre as duas formas: "Como regra básica, pode se dizer que o pretérito imperfeito de português é usado quando o pretérito imperfeito em sueco responde à pergunta: "Quais eram as circunstâncias?" enquanto que o pretérito perfeito é usado quando o imperfeito sueco responde à pergunta "O que aconteceu?"⁴

Rodrigues (20) comenta o exemplo número 5 da seguinte forma, na sentença com o verbo no pretérito "a situação de condenação é referida como um ponto (sem duração) pelo recurso do morfema de pretérito perfeito" enquanto na outra sentença - "a mesma situação é referida como tendo duração pelo emprego do morfema de pretérito imperfeito."

A meu ver, exemplos como os acima são apropriados para serem discutidos em grupos com um professor presente. Como mencionado anteriormente, para iniciantes, especialmente em caso de pouco ou nenhum conhecimento de línguas que apresentam um sistema aspectual desenvolvido, tais como as línguas românicas e eslavas, estabelecer uma oposição clara entre os usos é imprescindível. Russo, sendo uma língua eslava, o sistema aspectual é, muitas vezes, diferente do Português e, por isso, não é certo que os estudantes russos dominem melhor e/ou mais facilmente a questão do aspecto do que, por exemplo, aqueles estudantes que têm como L1 uma língua germânica. "A maior parte dos verbos russos tem um par aspectual, ou seja, para cada verbo de aspecto dito imperfeito corresponde um de aspecto dito perfeito." (Silva 48) O português, por outro lado, expressa o aspecto das formas verbais, mas existe, em Português, como aponta Rodrigues (20), também verbos com uma oposição semântica e aspectual, por

⁴ A minha tradução para o português de sueco: "Som en grundregel kan man säga, att portugisisk imperfekt används, när det svenska imperfektet svarar på frågan **Hur förhöll det sig?** men preteritum används, om det svenska imperfektet svarar på frågan **Vad inträffade?**"

exemplo os verbos “achar” e “procurar”: procurar é um verbo que codifica a situação como durativa, já achar codifica a situação pontual.”

1.4. Metodologia

O objetivo deste trabalho é estudar e comentar o uso do pretérito perfeito e imperfeito em 60 textos curtos, escritos por quatro turmas diferentes na Universidade de Dalarna durante os anos 2013 – 2016 no curso “Português: gramática e proficiência escrita”. Todos os textos abordam o mesmo tema: *Minhas férias de verão*, 150 – 300 palavras. A finalidade do exercício é fazer com que os estudantes variem as formas dos verbos, ou seja, usem tanto o pretérito perfeito como o pretérito imperfeito.

Fiz listas de todos os usos corretos e incorretos, sendo o número total de observações 1099. É pertinente mencionar que cada um dos usos corretos e incorretos foram contados, fato esse que aumenta os usos dos mesmos. O próximo passo foi dividir o material em quatro categorias, categorias essas baseadas nos quatro contextos básicos, apresentados por Hutchinson (73-76), para o uso do pretérito perfeito e imperfeito. Para cada grupo são apresentadas as proporções de respostas corretas e incorretas, bem como uma análise da frequência, ou seja, uma análise quantitativa, na qual os resultados são apresentados em números absolutos tal como em percentagens. Os resultados também são comentados a partir de um ponto de vista qualitativo, ou seja, em qual categoria gramatical encontro a maioria dos erros e quais os tipos. Também é discutido o uso ou não uso de advérbios temporais e/ou expressões temporais.

No presente estudo, que resultou em 1099 ocorrências sobre os pretéritos, perfeito e imperfeito, 35 foram removidas. Isto porque as formas usadas estavam gramaticalmente corretas, fato esse que dificultou a determinação da intenção aspectual do estudante. Após tal procedimento, a minha amostra resultou num total de 1064 ocorrências.

A presente pesquisa não tem em conta qual a língua materna dos estudantes, o sexo ou a idade desses. O caráter do meu trabalho é de pesquisa estática e não longitudinal, o que não permite estudar o desenvolvimento da interlíngua dos estudantes.

2. Fundamentos teóricos e estudos anteriores

2.1. Um comentário conceptual

Primeiramente, será pertinente um comentário conceptual, nomeadamente a diferença entre língua segunda (L2) e língua estrangeira (LE). Isto é importante porque a utilização dos conceitos difere entre autores e pesquisadores, que parecem discordar quanto ao uso dos termos.

De acordo com Myles & Mitchell (1) e Ellis (15), alguns linguistas, primeiramente Krashen, destacam que o conceito L2 significa uma língua oficial, enquanto LE é a língua ensinada e aprendida nas escolas e universidades. Stern (16) concorda com Krashen e muitos outros, dizendo:

A 'second language' usually has official status or a recognized function within a country which a foreign language has not./---/ A second language, because it is used within the country, is usually learnt with much more environmental support than a foreign language whose speech community may be thousands of miles away.

Para evitar a confusão terminológica, alguns pesquisadores utilizam outro termo, por exemplo Plácido, que usa o conceito PLNM (Português Língua Não Materna).

No presente trabalho, escolho utilizar o termo “língua segunda”, abreviado como L2, para designar uma nova língua que uma pessoa aprende por diferentes razões e, hoje em dia, parece existir um consenso deste uso do termo L2. A abreviação do termo língua materna será L1.

2.2. Estudar uma língua segunda

O interesse pela aquisição e ensino de línguas em geral é abrangente, e o interesse pela aprendizagem de uma L2 também é grande. Dentre os muitos autores que têm tratado esse tema, posso mencionar Ellis & Barkhuizen (2005), Mitchell & Myles (1998) e Stern (1983).

Milhares de pessoas no mundo aprendem uma ou várias L2 como adultos, sejam quais forem as razões. Para uma grande maioria dessas pessoas, isso é uma necessidade devido à sua emigração para um país com uma nova língua. Para outros, o estudo de uma L2 talvez seja um passatempo que possa vir a ser útil em viagens no exterior ou obrigatório se a pessoa for viver ou trabalhar num outro país. Independentemente do motivo, o aluno adulto vai enfrentar um grande desafio. Uma língua é um sistema complexo. Se o estudante quer alcançar um elevado grau de proficiência, deve dominar esse sistema complexo em seus diferentes níveis: fonologia, sintaxe, morfologia e semântica.

Há muito tempo que os pesquisadores linguísticos têm estado interessados em saber como um aluno aprende uma L2, e as teorias têm sido muitas e diversificadas. Vários autores, entre outros Mitchell & Myles, Stern, Ellis & Barkhuizen, mencionados acima, e Gonçalves (2011) alegam que a pesquisa sobre a aquisição de L2 na década de 60 foi caracterizada pela Análise Contrastiva. Supôs-se que os erros que os estudantes cometiam na L2 tinham como base as diferenças entre esta e a L1, ou seja, uma transferência negativa. O estudante “só” tinha de se livrar desses desvios e repetir as novas estruturas de acordo com um modelo behaviorista para que a aprendizagem fosse prontamente melhorada.

Mas acabou por não ser tão simples como parecia. Muitos erros dos estudantes não foram devidos a transferência negativa da língua materna e uma nova abordagem ao problema era necessária.

Na década de 70, a teoria de Análise Contrastiva foi gradualmente substituída. Foi o linguista americano Larry Selinker que no seu artigo “Interlíngua” introduziu o conceito de

interlândia e explicou que a aprendizagem de uma L2 era um processo regular e criativo. Entã, os pesquisadores passaram a discutir a aprendizagem de uma L2 em termos de *intra*lândia em vez de *cross*lândia. (Stern 402) O artigo de Selinker é, segundo Źaczek (12), considerado “como o ponto de partida da linguística aquisicional. ”

É um fato completamente óbvio que alguns alunos cometem erros, e nas palavras de Dulay e Burt, citados por Stern (354) “you can’t learn without goofing”. Igualmente, Gonçalves (32) alega que “Os erros são inevitáveis já que o processo de aprendizagem é activo e criativo /---/ e são necessários porque denotam que o processo está a ser levado a cabo.” Também é evidente que alguns dos erros podem ser motivados por influência da L1. Mas uma grande parte dos erros, segundo os autores mencionados acima, não podem ser atribuídos à língua materna. Os autores argumentam, bem como Selinker, que um aprendiz trabalha através de vários estágios de desenvolvimento, a partir dos erros muito básicos e primitivos para versões mais elaboradas e avançadas. Esse idioma intermitente, chamado *Interlândia*, é caracterizado pelo fato de ser sistemático e imprevisível e é, como se pode constatar na minha pesquisa, às vezes inconsequente: “Learner language (interlanguage) is not only characterized by systematicity. They are unstable and in course of change; certainly they are characterized also by high degrees of variability. We see performance varying quite substantially from moment to moment.” Mitchell & Myles (11)

Assim, pode-se dizer que *Interlândia* é exatamente o que parece: o estudante fica entre duas línguas, ou seja, entre a sua língua materna e a língua-alvo, o que significa que é “uma viagem” ao mesmo tempo sistemática, variável e imprevisível. Uma característica da *Interlândia* é, entre outras, a instabilidade, e Leiria afirma (2): “/.../ Ficamos então provisoriamente mais apaziguados e satisfeitos com os resultados obtidos. Digo provisoriamente porque, momentos depois, numa produção livre, oral ou escrita, o erro reaparece.” Isso é exatamente o que, várias vezes, pode-se constatar na presente investigação.

Corder (1982), apud. Żaczek (15) descreve o processo de interlíngua, dividindo-o em quatro fases:

- 1) **Pre-sistema:** os aprendentes têm uma vaga ideia de estrutura da língua. /.../. Neste estágio, o aprendente não é capaz de corrigir, nem explicar o seu erro.
- 2) **Emergente:** os aprendentes estão a melhorar a sua produção linguística e começam a interiorizar alguns comandos que nem sempre são corretos. Eles avançam um pouco, mas voltam a cometer erros do estágio anterior e não conseguem corrigi-los.
- 3) **Sistemática:** embora as regras não estejam bem definidas, os aprendentes corrigem os seus erros quando apontados pelos outros. Quando o aprendente progride para um estágio sistemático numa área particular da língua, ele começa a distinguir um sistema, o que indica que está interiorizando regras, embora incorretas para o falante nativo. /.../ Isto é, após cometer um erro e receber um *feedback* negativo, ele consegue reconhecer onde o mesmo provavelmente está, e tenta uma outra alternativa para transmitir sua ideia.
- 4) **Estabilização ou pós-sistemática:** os aprendentes autocorrigem-se.

Voltarei brevemente às definições na discussão dos resultados dos dados.

Stern (355) enfatiza o fato dos linguistas atualmente considerarem a Interlíngua como uma área de pesquisa que está teoricamente muito desenvolvida e empiricamente bem investigada. Além disso, Stern comenta os resultados da seguinte maneira: "What emerges from

interlanguage research is a conviction that the learner's degree of proficiency can legitimately be conceived as a 'system' by the learner for himself." (355)

Pode alegar-se que os estudos sobre a aprendizagem de uma L2 transitaram de uma perspectiva estreita para a ampla perspectiva de hoje, caracterizada por uma visão holística baseada em considerações psicológicas, socioculturais e sociolinguísticas. (Mitchell e Myles, 144 – 190) e (Stern, 191-245, 289-316)

2.3. Estudos sobre o uso do pretérito perfeito e imperfeito

Existem vários estudos como por exemplo os de Rodrigues (2009), Leiria (1991) , Plácido (2010), Silva (2009) e Gonçalves (2011) que discutem as dificuldades do uso do pretérito perfeito e imperfeito para alunos que estudam português como L2. Enquanto meu próprio estudo estático mostra os usos destes tempos verbais de 60 estudantes na Universidade de Dalarna em apenas uma única oportunidade e observa em que contextos gramaticais os erros são cometidos, as pesquisadoras mencionadas acima também se ocupam em buscar os problemas para estudantes de Português L2 com o pretérito perfeito e imperfeito, mas têm abordagens diferentes e mais aprofundadas. Algumas dessas autoras debatem o problema de um ponto de vista semântico, assim como discutem conceitos tais como verbos télicos e atélicos. ⁵ Em continuação, além disso são discutidos os valores semânticos inerentes aos diferentes tipos de sentenças, tais como “atividade”, “*achievement*”, “*accomplishment*” e “estados”, entre outros. ⁶ Isso não será discutido neste trabalho.

⁵ Um verbo télico apresenta um fim inerente enquanto um verbo atélico não. (Rodrigues 24) Exemplos (meus) de alguns verbos télicos são “morrer”, “nacer” e exemplos de verbos atélicos são “jogar”, “beber”.

⁶ “Atividades – são situações de duração temporal indefinida, não apresentando um limite final (situação atélica). responde à pergunta “por quanto tempo”. /.../ *Achievements* – são situações pontuais, ou seja, sem duração inerente. Seu limite inicial coincide com seu limite final, responde à pergunta “em que momento/hora”. /.../ *Accomplishments* – são situações de duração temporal definida, posto que apresentam limite final evidenciado (situações télicas). Situações não percebidas como verdadeiras quanto interrompidas. Respondem à pergunta

A dissertação de Leiria (156) trata da questão “em que propriedades inerentes aos predicadores se apoiam os falantes não nativos para seleccionarem uma dos dois tempos verbais.” Rodrigues, na sua dissertação, discute a aspectualidade do advérbio “sempre”; um advérbio que ora é usado como advérbio perfectivo, ora como advérbio imperfectivo. Silva (7) investiga as diferenças aspectuais em Português L2 reconhecidas pelos falantes de russo em “contexto de imersão”, enquanto a dissertação de Silva tem como objetivo principal analisar o uso do pretérito imperfeito *versus* pretérito perfeito por parte de aprendentes chineses. A ênfase na tese de Plácido é sobre a metodologia e pedagogia em termos de ensinar os usos do pretérito perfeito e imperfeito de estudantes estrangeiros.

Embora os trabalhos das pesquisadoras mencionadas acima abordem a questão do uso do pretérito perfeito e imperfeito de maneiras diferentes, o seu denominador comum é o reconhecimento do fato de que essas formas constituem, por vezes, grandes problemas para estudantes não nativos. Leiria, por exemplo, percebe que o uso dos passados em questão implica problemas e cita, na epígrafe da sua dissertação, algumas palavras escritas por um dos seus estudantes: “Pensei?...pensava?...estes verbos são horríveis!...” e a autora constata também o problema dos estudantes em distinguir entre as duas formas “/.../ põe-se quase diariamente a qualquer professor de português língua não-materna.” (2)

Devido aos diferentes tipos de estudos que existem, é difícil fazer uma comparação exacta com meus resultados, mas tentarei ver se existe alguma tendência apontando na mesma direção.

“em quanto tempo”.” /.../ Estados – situações também durativas, mas que não podem ser divididas em fases (homogeneidade). Não apresentam limite final inerente. /.../ (Ibidem, p. 26-27).

3. Resultados e discussão

3.1. Apresentação quantitativa: O uso do pretérito perfeito e imperfeito

O meu *corpus* é constituído por 1064 exemplos dos usos do pretérito perfeito e imperfeito, produzidos por 60 estudantes na Universidade de Dalarna. Foram apenas eliminados 35 exemplos porque, como foi dito anteriormente, as duas formas usadas são gramaticalmente corretas e não era possível determinar a intenção aspectual do estudante. A partir do contexto, foi possível defender ambos os aspectos, ou seja, ambas formas seriam perfeitamente possíveis.

Abaixo, são mostrados os números e as porcentagens dos usos corretos e incorretos do pretérito perfeito e imperfeito para cada categoria. Também são fornecidos alguns exemplos. Observa-se que aqui, tal como ao longo de todo este trabalho, apresentamos exemplos de frases e/ou sentenças dos estudantes *in extenso*, ou seja, não foram corrigidos quaisquer erros semânticos, gramaticais ou ortográficos.

1. Pretérito perfeito simples. Uma ação já concluída antes do momento do ato de fala.

Número total de ocorrências	Número total de usos corretos	Número total de usos incorretos
324	297 (91,7 %)	27 (8,3 %)

Tabela 3

Exemplos de usos corretos:

Nasci em uma ilha.

Tive a felicidade /.../ de passar os verões da infância no interior.

Exemplos de usos incorretos onde a forma esperada seria o pretérito perfeito embora os estudantes usem o pretérito imperfeito:

* *Finalmente a chuva acabou e, neste dia, a nossa família apanhava o sol.*

* *No mesmo dia o meu irmão e eu jogávamos futebol durante duas horas.*

2. Pretérito imperfeito. Um acontecimento no passado que não se prolonga até o presente.

Número total de ocorrências	Número total de usos corretos	Número total de usos incorretos
266	258 (97,0 %)	8 (3,0 %)

Tabela 4

Exemplos de usos corretos:

Quando era criança...

Como os meus avós ainda moravam lá, queria estar com eles.

Exemplos de usos incorretos onde a forma esperada seria o pretérito imperfeito embora os estudantes usem o pretérito perfeito:

* *Quando estive criança...*

* *Quando a minha irmã teve oito anos /.../*

3. Pretérito imperfeito. Acontecimento habitual que ocorreu repetidamente no passado, podendo ser periódico ou contínuo.

Número total de ocorrências	Número total de usos corretos	Número total de usos incorretos
462	414 (89,6 %)	48 (10,4 %)

Tabela 5

Exemplos de usos corretos:

Minha irmã e eu brincávamos todos os dias com eles.

Sempre havia muitas coisas para fazer /.../ e nós nos divertíamos muito.

Exemplos de usos incorretos onde a forma esperada seria o pretérito imperfeito embora os estudantes usem o pretérito perfeito. O uso é frequentemente inconsistente.

* *Os nossos vizinhos tinham um barco /.../ e saimos com o barco para nadar no mar.*

* *Eu sempre brincava com as minhas primas, que moraram perto.*

Pretérito imperfeito. Acontecimentos simultâneos ocorridos no passado.

Número total de ocorrências	Número total de usos corretos	Número total de usos incorretos
12	11 (91,7 %)	1 (8,3 %)

Tabela 6

Exemplo de uso correto:

Quando meus pais trabalhavam, íamos de férias com a minha avó...

Exemplo de uso incorreto no qual o estudante usa pretérito perfeito em lugar de pretérito imperfeito.

* *A minha irmã estava nadando no mar enquanto os nossos pais descansaram.*

Em geral, pode-se constatar que a percentagem dos usos corretos é alta em todas as quatro categorias. A partir de um total de 1099 ocorrências examinadas, foram anuladas 35, tal como já foi mencionado. Dos exemplos restantes, 1064, 980 ocorrências são corretas, o que equivale a 92,1 %. Os usos incorretos são 84, o que corresponde a 7,9 %. Veja-se também a tabela 7.

Em muitos textos, o mesmo verbo aparece repetidamente, um fato que aumenta as ocorrências corretas, por exemplo:

Quando era criança, sempre costumava passar duas semanas do verão na casa dos meus avós maternos. A primeira semana a minha mãe costumava estar lá também, quando o meu pai costumava pescar em Noruega /---/

Um outro fato semelhante, que aumenta o número de ocorrências corretas, é que alguns estudantes fazem longas listas de verbos na mesma sentença. Cada menção a um verbo é incluída no cálculo. Na sentença abaixo, por exemplo, existem seis ocorrências corretas:

...estávamos todos juntos, jogávamos, fazíamos grilhados, nadávamos, brincávamos e socializávamos.

Nota-se um grau muito baixo de faltas na categoria número dois, “Pretérito imperfeito usado para descrever um acontecimento no passado que não se prolonga até ao presente.” Neste grupo, encontramos um alto grau de ocorrências corretas enquanto o número de verbos é relativamente baixo. Os verbos mais usados neste grupo são “ser” e “ter”: *Quando era criança... / Quando tinha dez anos....* Esses dois verbos constituem 66,9 % dos usos corretos, 118 casos de uso de “ser” e 60 usos de “ter”. O nível iniciante de português L2 na Universidade de Dalarna não se aprofunda nas regras gramaticais dos pretéritos. Nesse nível, apenas se debatem as diferenças de uma maneira básica. No entanto, os alunos encontram logo no início dos seus estudos, expressões como “Era uma vez...”, “Quando era jovem” e “Ela tinha 16 anos...”. É possível que essas expressões criem raízes e se tornem aquilo que Mitchell e Myles (12) chamam “a prefabricated chunk”, em outras palavras, uma expressão formuláica, ou frase feita, algo que os estudantes já ouviram e usam sem analisar.

No contexto n.º 4, “Acontecimentos simultâneos ocorridos no passado”, quer dizer, em frases complexas, mostra um uso muito escasso. Somente 12 ocorrências foram observadas, o que significa 1,1 % de todas ocorrências e, por isso, essa categoria é desinteressante quer do ponto de vista estatístico quer do ponto de vista de debate. A explicação mais provável talvez seja que num texto narrativo, como *As minhas férias de verão*, o escritor não faça muito uso desta construção gramatical, “acontecimentos simultâneos ocorridos no passado”.

Pode-se notar que existem 192 usos (corretos e incorretos) de advérbios temporais e/ou expressões temporais de um total de 1064 ocorrências de sentenças com pretérito perfeito e imperfeito, que equivale a 18 %. Não é possível tirar conclusões definitivas mas é interessante notar que existe uma tendência, embora pequena, que aqueles estudantes que apresentam construções corretas, utilizam advérbios temporais e/ou expressões temporais num grau mais elevado do que os alunos que cometem erros. Os usos de advérbios temporais e/ou expressões temporais são mostrados na tabela 7 a seguir.

Em suma, abaixo estão apresentados os resultados em números absolutos e percentagens de todos os resultados da análise quantitativa. Pura matemática!

O número total de alunos	O número total de alunos sem erros	Percentagem	O número total de alunos que cometeram erros	Percentagem
60	37	61,7 %	23	38,3 %
O número total de ocorrências de pretérito perfeito e imperfeito	O número total de ocorrências corretas	Percentagem	O número total de ocorrências incorretas	Percentagem
1064	980	92,1 %	84	7,9 %
O número total de ocorrências de pretérito perfeito e imperfeito	O número total de verbos no pretérito perfeito corretamente usados	Percentagem	O número total de verbos no pretérito perfeito incorretamente usados	Percentagem
1064	323	30,4 %	27	2,5 %
O número total de ocorrências de pretérito perfeito e imperfeito	O número total de verbos no imperfeito corretamente usados	Percentagem	O número total de verbos no imperfeito incorretamente usados	Percentagem
1064	657	61,7 %	57	5,4 %
O número total de ocorrências de pretérito perfeito e imperfeito	O número total de advérbios e/ou expressões temporais	Percentagem		

1064	192	18,0 %		
Número total de ocorrências corretas de frases/sentenças com o pretérito perfeito e imperfeito	Número total de usos corretos de advérbios temporais e/ou expressões temporais	Percentagem		
980	174	17,8 %		
Número total de ocorrências incorretas de frases/sentenças com o pretérito perfeito e imperfeito	Número total de usos incorretos de advérbios temporais e/ou expressões temporais	Percentagem		
84	18	21,4 %		

Tabela 7

3.2. Análise qualitativa

Mitchell & Myles e diversos outros autores argumentam que a Interlíngua é caracterizada pela variabilidade e imprevisibilidade. Pode-se adicionar que as observações também mostram um alto grau de inconsistência nos usos das duas formas verbais. Um estudante pode consistentemente utilizar formas corretas numa sentença mas, de repente, mudar a forma na sentença seguinte ou até dentro da mesma sentença. Alguns exemplos:

* *Foi muito divertido lá, jogávamos ao ar livre e banhamos no mar.*

* *Eu sempre comi um “mazarin” e tomava um “festis”.*

Com o fim de criar uma história coerente e estilisticamente adequada sobre algo que aconteceu no passado, é necessário variar os tempos verbais. Pode-se notar que uma grande parte dos textos que constituem o *corpus* cumprem esse critério. Ao mesmo tempo, foram verificados vários casos de trocas injustificadas dos tempos verbais, como os citados acima.

As altas percentagens dos usos corretos das formas do pretérito perfeito e imperfeito nos textos escritos pelos estudantes da Universidade de Dalarna podem significar que os estudantes não têm grandes dificuldades com a diferença entre o pretérito perfeito e imperfeito, mas é importante ter em mente o modo como foi elaborada a tarefa *Minhas férias de verão*. Ellis & Barkhuizen (21) ressaltam que “/---/ the language that learners produce can vary enormously depending on the type of production that is elicited”, que é esclarecido do seguinte modo dos autores mencionados acima: “Foster (1996) has shown that learners are more likely to produce complex grammatical constructions when they have time to pre-plan their productions than when they have to perform spontaneously.” (p.22). Mitchell & Myles, (173) concordam, dizendo que “/.../ systematic differences in performance have been found to exist, depending on the degree of planning involved in learners’ L2 productions.”

A tarefa dada aos estudantes da Universidade de Dalarna tem um objetivo declarado: usar e variar os tempos do passado. As instruções estão da seguinte maneira:

Minhas férias de verão

- Descreva como você costumava passar as férias de verão quando criança. Mínimo 150, máximo 300 palavras. Varie os tempos do passado!

Os alunos têm uma semana para preparar, escrever e refletir sobre os seus textos. Também é permitido para a execução da tarefa o uso de uma gramática ou/e de um dicionário. Os alunos têm, portanto, a oportunidade de preparar a tarefa com cuidado. Pode-se supor que os resultados teriam sido diferentes numa conversação ou numa tarefa espontânea. Gonçalves (33) menciona o seguinte:

É importante, assim, considerarmos se o estudante está perante uma tarefa linguística que pode monitorizar (controlar, rever, corrigir) e, aí, cometerá menos erros se as regras tiverem sido interiorizadas, ou se, pelo contrário, se encontra numa situação oral sem dispor de tempo para controlar e corrigir.

É importante ter em mente que esta tarefa é um exercício e não um exame. No trabalho de Plácido, o mesmo tema, "As minhas férias de verão" foi dado no exame e, por isso, sem possibilidade dos estudantes se prepararem. O exercício na Universidade de Dalarna que foi dado aos estudantes, veio em conexão direta com as aulas teóricas sobre os usos de pretérito perfeito e imperfeito e assim, os estudantes foram bem preparados para o que era esperado deles.

Deve ser notado que escrever um texto narrativo que é coerente, variável e fluente não é simples de efetuar. Um texto em que o autor utiliza apenas o pretérito perfeito seria de forma *staccata*, enquanto um texto em que o escritor somente usa o pretérito imperfeito faria ao leitor se perguntar quando a ação vai ser realizada. Plácido (27) também afirma que escrever uma história é uma tarefa difícil e é importante que o estudante esteja "usando uma alternância entre narração / descrição", quer dizer, é necessário usar o pretérito perfeito e imperfeito. Entre parênteses, pode-se adicionar que também outros tempos verbais, muitas vezes, são necessários.

Sobre a alternância necessária para uma história narrativa, Bjellerup (137) apresenta um exemplo ⁷: "*Eu vi (pret.) a garota. Ela estava chorando. (imperf.). Eu falei (pret.) com ela. Eu pensava (imperf.), que eu poderia consolá-la. Isso não sucedeu. (pret.) Ela apenas soluçava. (imperf.)*". Com isso, o autor quer dizer que o pretérito imperfeito codifica um movimento de

⁷ A minha tradução do sueco para português do exemplo: "Jag fick syn på (pret.) flickan. Hon grät (imperf.). Jag pratade (pret.) med henne. Jag trodde (imperf.), att jag skulle kunna trösta henne. Det lyckades (pret.) inte. Hon bara snyftade (imperf.)"

acção, enquanto o pretérito perfeito é usado para acções pontuais, acabadas. Os textos estudados nesta pesquisa mostram que os alunos com grande habilidade para gramática tratam a alternância entre pretérito perfeito e imperfeito numa maneira convincente.

No seguinte quadro, são apresentados mais exemplos de usos incorretos e corretos de pretérito perfeito e imperfeito seguidos de uma breve discussão sobre alguns deles. Mais uma vez, é importante salientar que os exemplos estão reproduzidos *in extenso*.

a) Usos incorretos.

Exemplo n.º	Verbo	Forma correta	Forma usada	Frase / sentença
1	Parar	Parei	Parava	<u>Parava</u> de fumar há sete anos atrás.
2	Ter	Teve	Tinha	Uma vizinha <u>tinha</u> que me salvar.
3	Assistir	Assistimos	Assistíamos	Meu irmão e eu <u>assistíamos</u> futebol. Se eu lembro corretamente foi a campeonato de Europa.
4	Ser	Foram	Eram	Essas rotinas <u>eram</u> rotas uma semana cada verão...
5	Começar	Comecei	Começava	No mesmo dia que completei 15 anos, <u>começava</u> a fumar.
6	Passar	Passava	Passei	/.../ eu jogava muito futebol enquanto eu <u>passei</u> tempo com meus amigos.
7	Comprar	Compraram	Compravam	Quando eu tinha 10 anos, os meus pais

				<u>compravam</u> uma caravana...
8	Gostar	Gostava	Gostei	Mi madre estava quase desesperada e nunca tinha entendido porque eu nunca <u>gostei</u> de ficar em casa.
9	Acontecer Ter	Aconteceu Tinha	Acontecia Tive	A primeira vez que nós passámos uma fêria em fora da Suécia, <u>acontecia</u> quando eu <u>tive</u> nove anos.
10	Estar	Estava	Esteve	/.../ chegámos ao nosso hotel que <u>esteve</u> situado um arremasso de moeda da praia.

Tabela 8

Nota-se que o uso de advérbios temporais e expressões verbais é comum. Isso, certamente, devido ao fato de que os textos que contam episódios do passado devem utilizar diferentes tempos verbais. O que é surpreendente é o fato de que os alunos cometem erros, mesmo se eles usam advérbios temporais e/ou expressões temporais que expressam, claramente, uma limitação do tempo e que implicam algo acabado. Veja-se os exemplos (1), (3), (4), (5), (7) e (9). Aqui o pretérito perfeito tinha sido esperado.

A meu ver, o uso dos advérbios temporais poderá ser uma ferramenta útil para os estudantes testarem a sua própria língua materna numa maneira metalinguística. Veja-se os seguintes exemplos experimentais nos quais uso o verbo sueco “brukade” (“costumava”) para exprimir algo habitual usando o pretérito imperfeito em vez de pretérito perfeito. Os exemplos fazem parte da lista de utilizações incorretas acima descritas.

Exemplo n.º	Sentença incorreta em sueco	Sentença correta em sueco	Sentença incorreta em português	Sentença correta em português
1	* För sex år sedan brukade jag sluta röka	För sex år sedan slutade jag röka.	* <u>Parava</u> de fumar há sete anos atrás.	Parei de fumar há sete anos atrás.
5	* Samma dag som jag fyllde 15 år, brukade jag börja röka.	Samma dag som jag fyllde 15 år, började jag röka.	* No mesmo dia que completei 15 anos, <u>começava</u> a fumar.	No mesmo dia que completei 15 anos, comecei a fumar.
7	* När jag var 10 år, brukade mina föräldrar köpa en husvagn...	När jag var 10 år, köpte mina föräldrar en husvagn.	* Quando eu tinha 10 anos, os meus pais <u>compravam</u> uma caravana...	Quando eu tinha 10 anos, os meus pais compraram uma caravana...

Tabela 9

Naturalmente não é possível eliminar todos os tipos de erros deste modo, mas, ocasionalmente, seria certamente útil ensaiar com a sua própria língua materna para destacar, mais claramente, as construções erradas feitas na língua-alvo.

É importante apresentar, não somente usos errados, mas também usos corretos, para obter uma ideia mais completa dos estádios da Interlíngua por onde passam os estudantes. (Veja-se também a página 21.)

b) Usos corretos

Exemplo n.º	Frase / sentença
1	Vindo para um país tão diferente, <u>foi</u> uma experiência excitante – lembro-me que a primeira coisa que me <u>impressionou</u> , <u>era</u> o calor esmagador /.../ que te <u>bateu</u> na cara...
2	/.../ eu sou muito feliz pelo tempo que <u>tivemos</u> juntos quando éramos jovens.
3	A patrona de loja <u>era</u> muito simpática, e de vez em quando nos <u>deu</u> um pêssego, que <u>comémos</u> em voltando. <u>Brincávamos</u> com amigos e <u>aprendi</u> a compreender mais ou menos o dinamarquês.

4	Quando eu <u>tinha</u> uns três anos meus pais <u>compraram</u> um trailer, nele <u>cabia</u> todo a família.
5	Eles sempre <u>iam</u> para Mallorca /.../ mas o destino que a minha mãe <u>escolheu</u> este ano foi...
6	Uma vez ele nós <u>deu</u> passé VIP, e nós <u>pudemos</u> saltar todas as filas. Para mim, um filho de dez anos, isto <u>era</u> céu.
7	A cobra <u>estava</u> morta mas eu <u>fiquei</u> muito impressionada pois ela <u>era</u> enorme.
8	Quando o crepúsculo <u>chegava</u> , <u>vinham</u> também novas sensações a nível auditivo e, se de dia <u>eram</u> as cigarras que se <u>faziam</u> ouvir, agora <u>era</u> a vez dos grilos.
9	Infelizmente, a casinha <u>era</u> horrível, o mar <u>ficava</u> muito longe e havia só pedras na praia. Por isso, <u>fomos</u> cada dia a buscar outras praias mais bonitas para nadar e brincar.
10	Essa gente <u>tinha</u> uma filha da minha idade, e nós <u>jogávamos</u> muito. Um verão <u>abrimos</u> uma loja. <u>Fomos</u> juntando coisas para vender ...

Tabela 10

A partir dos exemplos acima, é óbvio que esses alunos não têm problemas com a alternância entre o pretérito perfeito e imperfeito, às vezes dentro da mesma sentença, o que faz o texto fluente e narrativo. Eles podem, provavelmente, ser considerados no final da sua “viagem interlinguística”, pelo menos quando se trata dominar a questão do aspecto.

Para a tarefa *Minhas férias de verão*, a professora convida os alunos a variar as formas verbais. Os estudantes que dominam as diferenças aspectuais entre pretérito perfeito e imperfeito fazem uso dessa variação verbal como mostrado nos exemplos acima.

Ao contrário, os alunos que cometem muitos erros e não têm a mesma confiança no que diz respeito às diferentes formas aspectuais, geralmente evitam variar as formas verbais, escolhendo quase sempre o imperfeito. Essa tática não é desconhecida. Gonçalves (38) aponta

que uma estratégia assim “*pode servir para evitar o risco*” (o risco de cometer erros, meu comentário) ou “*evitar usar determinadas estruturas*.”

Ao corrigir os textos dos estudantes, normalmente a professora não apresenta as soluções corretas, mas mostra através de abreviações os tipos de erros cometidos pelos alunos, por exemplo VA (aspecto verbal), VM (modo verbal). Os alunos cujos textos têm uma alta qualidade gramatical, como os exemplos apresentados acima, posicionam-se provavelmente na fase número quatro de acordo com o modelo de progressão interlinguística de Corder, que pode ser revisto na página dezessete deste trabalho. Se esses alunos cometem erros, é razoável acreditar que podem se autocorrigir. Os estudantes que apresentam um uso inconsistente do pretérito perfeito e imperfeito, às vezes dentro da mesma sentença, estão provavelmente na fase três do mesmo modelo: “*embora as regras não estejam bem definidas, os aprendentes corrigem os seus erros quando apontados pelos outros*.”

4. Considerações finais

Este trabalho teve como objetivo investigar o uso do pretérito perfeito e imperfeito em 60 textos curtos, escritos por estudantes na Universidade de Dalarna, Suécia. Durante a leitura dos textos, estava na busca de respostas às questões da pesquisa: a) *em qual contexto gramatical ocorre a maioria dos erros?* e b) *como se relaciona o uso de advérbios temporais e/ou expressões temporais ao uso correto ou incorreto do pretérito perfeito e o pretérito imperfeito?*

Os resultados obtidos mostram que os estudantes geralmente dominam o uso do pretérito perfeito e imperfeito muito bem, mas erros ocorrem. Os dois contextos gramaticais onde se encontra a maioria dos erros são: *Pretérito imperfeito. Acontecimento habitual que ocorreu*

repetidamente no passado, podendo ser periódico ou contínuo e Pretérito perfeito simples. Uma ação já concluída antes do momento do ato de fala.

A maioria dos erros na primeira categoria acima ocorre quando os estudantes, sem explicação lógica, mudam um verbo do imperfeito para o pretérito, frequentemente até dentro da mesma sentença. O que causa isso, não é possível explicar; uma teoria plausível poderá ser o uso inconsistente, variável e inesperado que é uma característica típica da Interlíngua dos estudantes, um fato que já foi observado por diversas pesquisadoras, tais como Mitchell & Myles (11), Gonçalves (32) e Leiria (2).

Também os erros na segunda categoria acima são difíceis de explicar. Algumas das sentenças incorretamente construídas contêm advérbios temporais e/ou expressões temporais que implicam um evento perfectivo, um evento dentro de um período definido – algo que aconteceu apenas neste momento e que está terminado – onde o uso do imperfeito seja, normalmente, impossível.

Mesmo que ocorram erros nas produções dos alunos, os números de usos corretos são elevados. Uma explicação possível poderá ser que os estudantes nestes grupos investigados são muito competentes no que diz respeito aos usos do pretérito perfeito e imperfeito. Mas, como já foi dito anteriormente, alguns fatores devem ser considerados. Sendo assim, que cada ocorrência tem sido incluída no cálculo dos resultados, as longas listas com verbos, por exemplo, no imperfeito, aumentam as respostas corretas de uma forma significativa.

Os números de erros nas outras duas categorias, a saber *Pretérito imperfeito. Um acontecimento no passado que não se prolonga até o presente* são baixos. Como já foi dito, nesta categoria o uso do imperfeito é dominado pelos verbos “ser” e “ter”. Possivelmente trata-se, em alguns casos, de frases formuláicas – frases que os estudantes incorporaram na sua Interlíngua, talvez sem uma compreensão mais detalhada por que deveria ser o imperfeito.

A categoria *Pretérito imperfeito. Acontecimentos simultâneos ocorridos no passado* é escassa e estaticamente insignificante.

Quanto ao uso de advérbios temporais e/ou expressões temporais, o uso relativamente baixo é um pouco surpreendente. Tinha sido esperado uma maior frequência destes, porque vários pesquisadores repetidamente enfatizam os benefícios de usá-los, por exemplo Plácido (14-17; 32; 45) pelo menos no início dos estudos. O uso desses tornaria mais fácil para os alunos distinguir entre o pretérito perfeito e imperfeito. Embora a língua portuguesa principalmente use os tempos dos verbos para expressar aspecto, o uso de expressões temporais pode ser muito úteis. No entanto, pode-se discernir uma tendência, mesmo que seja fraca, que as ocorrências corretas de sentenças no pretérito perfeito e imperfeito têm uma percentagem um pouco mais elevada de uso de advérbios temporais e/ou expressões temporais do que as ocorrências incorretas.

Também é importante ter em mente que algumas “estratégias” de estudantes aumentam o número de ocorrências corretas, por exemplo quando eles fazem longas listas com diferentes verbos na mesma forma dentro da mesma sentença.

Como mencionado anteriormente, também é importante considerar como a tarefa foi formulada e implementada. Foi um trabalho com um propósito específico: utilizar o pretérito perfeito e imperfeito e os alunos tiveram uma semana para executá-lo. Também puderam utilizar gramáticas, dicionários e outros tipos de ajuda. Assumir que os resultados poderiam ter sido diferentes se tivesse sido uma tarefa sem preparação, seria altamente razoável.

Também é importante ter em mente o fato que é difícil escrever um texto narrativo, como já foi mencionado anteriormente. É necessário variar as formas verbais, tal como destaca Plácido (12): “Um texto onde todos os verbos apareçam no PPS é considerado uma narrativa sem cenário /.../. Já o texto em que todos os verbos estejam no IMP não é suficiente para que possa ser considerado uma narrativa, é considerado apenas como um começo, uma sugestão de

narrativo que está permanentemente em suspenso.” Alguns estudantes tentam, conscientemente ou inconscientemente, evitar essa alternância entre pretérito perfeito e imperfeito, utilizando um uso excessivo do imperfeito. Nota-se, no entanto, que muitos alunos dominam essa alternância numa maneira muito boa. Veja-se a Tabela 10.

Um dos propósitos deste meu estudo, foi investigar se eu viria a encontrar semelhanças entre os meus resultados e os resultados apresentados por Rodrigues, Leiria, Plácido, Silva e Gonçalves respeitantes ao uso do pretérito perfeito e imperfeito entre os alunos que estudam português L2. Isso não foi fácil, porque as abordagens dos trabalhos são muito diferentes. Mas pode se constatar o seguinte:

- O denominador comum para todos os trabalhos é que o uso correto do pretérito perfeito e imperfeito é um problema bem conhecido.
- Várias pesquisadoras a quem tenho aludido, tais como Leiria e Plácido, enfatizam o modo como os estudantes fazem uso destas duas formas aspectuais; que frequentemente tendem a ser inconsistentes e imprevisíveis, tal como posso constatar no meu próprio trabalho.
- Um outro fato, comum entre o meu estudo e os das escritoras acima mencionadas, abarca que o pretérito imperfeito geralmente é considerado mais difícil do que pretérito perfeito; provavelmente devido ao fato do imperfeito ter um uso mais amplo. Por isso, esta forma pode criar dificuldades para aqueles alunos que não estão acostumados a pensar em termos de aspecto.

Infelizmente, não foi possível fazer duas ou mais pesquisas de textos dos mesmos alunos – um estudo longitudinal, que é a melhor forma para estudar a progressão da Interlíngua dos estudantes, um possível tema para estudos futuros. Uma outra abordagem interessante será uma comparação entre estudantes com e sem conhecimento do aspecto quanto ao uso do pretérito perfeito e imperfeito.

5. Bibliografia

- Azeredo, Olga M, Freitas M. Pinto, Isabel M & Azeredo Lopes, Carmo M.: *Gramática Prática de Português. 3.º Ciclo do Ensino Básico e Ensino Secundário*. Raiz Editora, 2012.
- Azevedo, Olga M, Freitas M. Pinto, Isabel M & Azeredo Lopes, Carmo M.: *Exercícios Gramática Prática de Português. 3.º Ciclo do Ensino Básico e Ensino Secundário*. Raiz Editora, 2013.
- Bjellerup, Sven: *Portugisisk språklära*. Studentlitteratur, 1990.
- Medeiros, Vanise Gomes de. "Os passados no ensino de português para estrangeiros." *Soletras* 1.2 (2001): 76-83.
- Ellis, Rod & Barkhuizen, Gary. *Analysing Learner Language*. Oxford University Press, 2005.
- Gonçalves, Liliana Maria do Vale Cerqueira. "A formação da interlíngua dos aprendentes chineses: aprendizagem do uso do pretérito imperfeito versus pretérito perfeito simples do indicativo." (2011).
- Hutchinson, Amélia P. & Lloyd, Janet. *Portuguese. An Essential Grammar*. New York: Routledge, 2003.
- Leiria, Isabel Maria Caetano. "A aquisição por falantes de Português Europeu língua não materna dos aspectos verbais." Dissertação de Mestrado em Linguística Portuguesa Descritiva. Faculdade de Letras de Lisboa. 1991.
- Mitchell, Rosamund & Myles, Florence. *Second Language Learning Theories*. Arnold, 1998.
- Oliveira, Carla, Ballmann, Maria José & Coelho, Maria Luisa: *Aprender Português 1*. Texto Editores, 2009.
- Plácido, Bruna Isabel Joaquim. "Aquisição do campo semântico do tempo em PLNM: análise de produções escritas e correlação com estratégias de ensino-aprendizagem." Diss.2010.
- Rodrigues, Cristiane Seimetz. "Sempre: um estudo de suas interações aspectuais em contexto de pretérito perfeito simples e pretérito imperfeito." Diss. 2009.
- Silva, Catarina Pereira da. *Oposições aspectuais em português como língua segunda: o caso dos falantes de russo em contexto de imersão*. MS thesis. 2009.
- Stern, H.H. *Fundamental Concepts of Language Teaching*. Oxford University Press, 1983.
- Zacek, Malgorzata. *A língua portuguesa para falantes de polaco: transferência da língua nativa para a língua estrangeira em processo de aprendizagem: o erro lexical e o erro gramatical*. Diss. 2013.

